

COACHING EDUCACIONAL E EMANCIPAÇÃO HUMANA: concepções, sentidos e construções

Andréa KOCHHANN

Vanessa Amélia da Silva ROCHA

GT3 – Formação de professores

Resumo: *Coaching* Educacional é tema dos estudos do GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. Nesse momento está vinculado ao projeto de pesquisa “EMANCIPAÇÃO HUMANA: possibilidades e dificuldades de alcance pela práxis acadêmica”. As concepções de relação professor e aluno devem ir para além do simples ato de ensinar e aprender. Assim, o problema da investigação é “Quais as características de *coaching* educacional na relação professor e aluno, durante o processo de aprendizagem de conceitos matemáticos, favorecem a emancipação humana?”. A aprendizagem de conceitos matemáticos alicerçada no *coaching* educacional da relação professor e aluno de vínculos afetivos, de resiliência e de emancipação humana pode propiciar o sucesso de todo processo, desde que os envolvidos tenham uma concepção e um sentido que favoreça essa construção. Assim, por consequência, se alcance a emancipação humana pela relação *coaching* educacional. *Coaching* Educacional também é uma questão de diversidade das relações humanas na educação.

Palavras-chave: Coaching Educacional. Emancipação Humana. Diversidade e Educação.

Introdução

Esse tema já é parte dos estudos do GEFOP, ao longo dos anos. Nesse momento está vinculado ao projeto de pesquisa “EMANCIPAÇÃO HUMANA: possibilidades e dificuldades de alcance pela práxis acadêmica”. Essa pesquisa se alicerça em cinco subprojetos. Este artigo foi elaborado com base em um dos subprojetos.

Esse subprojeto visa discutir a emancipação humana propiciada pelas relações entre professor e aluno durante a práxis acadêmica, caracterizadas enquanto *coaching* educacional. Apresentando como problema “Quais as características de *coaching* educacional na relação professor e aluno, durante o processo de aprendizagem de conceitos matemáticos, favorecem a emancipação humana?”.

A intenção da pesquisa é de apresentar o processo de aprendizagem de conceitos matemáticos alicerçado no *coaching* educacional da relação professor e aluno de vínculos

afetivos, de resiliência e de emancipação humana. Como hipótese apresentamos que os vínculos afetivos e a resiliência favorecem a emancipação humana durante a aprendizagem de cálculos matemáticos devido ao *coaching* educacional. Assim, as duas categorias de análise serão vínculos afetivos e resiliência.

O objetivo geral da pesquisa é discutir a emancipação humana propiciada pelo *coaching* educacional das relações entre professor e aluno durante a práxis acadêmica. Tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem de conceitos matemáticos, levando em consideração a relação professor e aluno, durante as atividades do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Visto que a acadêmica pesquisadora faz parte do programa.

Nesse caso a relação deve se estabelecer por vínculos afetivos que lapidem a resiliência. Assim, por consequência, se alcance a emancipação humana. Essa relação ocorre em todos os níveis e modalidades de ensino, bem como em todas as disciplinas. Para esta pesquisa elegemos a disciplina de Matemática, pois a acadêmica pesquisadora está cursando licenciatura em Matemática. As análises da relação professor e aluno durante o processo ensino-aprendizagem de cálculos matemáticos, será por categorias, que emergirão ao longo da pesquisa.

Metodologia

A pesquisa tende ao método Materialismo Histórico Dialético, que visa analisar os dados levando em conta sua historicidade e crítica, pela categoria da contradição e pelas categorias de análise que surgir. A metodologia dessa pesquisa qualitativa será bibliográfica, de observação participante com diário de bordo e com conversas informais com os professores e alunos, das turmas em que será realizado o trabalho do PIBID.

O referencial teórico será na perspectiva de Gramsci e Marx sobre emancipação, de Piaget, Vygostky e Wallon para afetividade, Forés e Giané para resiliência, através de autores que fizeram releituras das referidas teorias e o estado da arte, com buscas no banco de dados da CAPES. A delimitação da pesquisa de campo será ao longo das atividades desenvolvidas no PIBID, na escola estadual “Aprendendo a crescer” – nome fictício, da cidade de Jussara – GO, no Ensino Fundamental e Médio, no ano de 2016. A pesquisa esta em fase gestacional.

Afetividade e resiliência: sentidos e concepções

Questões afetivas e cognitivas são indissociáveis. Nesse viés, pesquisaremos a teoria de Piaget, Vygotsky e Wallon sobre a função da afetividade no processo educativo. Visto que, os mesmos acreditam nessa indissociabilidade. A prática da resiliência deve estar presente na mediação pedagógica e nos vínculos afetivos. Como afirma Silva (2013) em meio à sociedade neoliberal, a corrida contra o tempo e a necessidade de acúmulo financeiro podem promover cada vez mais crises pessoais, profissionais, emocionais e identitárias.

A responsabilidade que é da família muitas vezes tem sido agregada à escola. Destarte, mesmo não sendo função da escola, se torna inerente devido os seres humanos que ali se encontram, precisarem aprender a enfrentar e resolver seus traumas de forma mais efetiva e menos sofrida. O papel do professor de matemática não pode se restringir apenas a ensinar os cálculos matemáticos.

Como Freire (1996) ressalta ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar mediações favoráveis a sua construção. Nessa perspectiva, o professor lida com diversas situações que limitam o ensino. Situações essas que podem ser de caráter psicológico afetivo. Somos movidos pela afetividade como afirma Piaget (1992). Os afetos se expressam em sentimentos e emoções. Os sentimentos são mais duradouros e menos impulsivos, como o amor de uma mãe por um filho. Já as emoções são mais explosivas e instantâneas, como a alegria de ter ganhado um objeto novo e muito desejado.

Segundo Piaget (1992) o desenvolvimento cognitivo e afetivo são indissociáveis, e se expressam segundo a faixa etária da criança, em decorrência sua teoria se divide nas seguintes fases: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) e operações formais (11 ou 12 em diante), em cada etapa as questões cognitivas e afetivas se desenvolvem de forma diferente.

No período sensório motor a inteligência manifesta-se através de ações primárias, secundárias e terciárias, os sentimentos são instintivos e perceptivos centrados no próprio eu, posteriormente disseminado as pessoas próximas. No período pré-operatório os afetos são intencionais, intuitivos e normativos, surgindo os primeiros sentimentos sociais e morais, há o desenvolvimento da linguagem e o predomínio do pensamento egocêntrico, o raciocínio é semilógico e a inteligência desenvolve-se através de símbolos e da intuição.

Na fase das operações concretas os pensamentos tornam-se lógicos, no entanto tem-se dificuldade em raciocinar sobre problemas abstratos, o pensamento egocêntrico diminui e a criança dissocia o eu do outro, a afetividade se estabiliza e os sentimentos se relacionam à vontade e a autonomia. Na fase das operações formais já se tem os pensamentos formados e a capacidade de resolver qualquer problema, planejar ações e a formar julgamentos, o raciocínio é hipotético-dedutivo, os sentimentos são idealistas e há a formação da personalidade.

Vygotsky (1992) assevera que o desenvolvimento cognitivo aconteça principalmente em decorrência de influências sociais, sendo sua teoria conhecida como sócio-interacionista ou sócio-cultural. Estruturada a partir da capacidade humana, real ou proximal, remetendo ao que ele denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), sendo respectivamente o que a criança desenvolve sozinha e o que ela desenvolve com mediação de um adulto.

Nesse viés, Vygotsky (1992) afirma que o desenvolvimento orgânico não acarreta no desenvolvimento da aprendizagem, precisando de estímulos sociais para que ela aconteça, tornando a afetividade mediadora do processo de desenvolvimento humano, atuando como organizadora dos nossos comportamentos.

Wallon (1992) também divide o desenvolvimento humano em etapas: impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial e puberdade e adolescência. Assim como Vygotsky, Wallon (1992) também ressalta a importância do convívio social, tendo como foco teórico a afetividade, considerando-a como principal no processo de desenvolvimento humano, sem desconsiderar também as dimensões motora e cognitiva, fundamentando que estes são elementos essenciais para o desenvolvimento da vida psíquica.

Aliado a essas questões de vínculo afetivo e desenvolvimento cognitivo, apresenta-se a necessidade de ambos, professores e alunos, lapidarem seu potencial de resiliência. A resiliência, segundo Forés e Grané (2008) é o processo de restauração, de reconstrução, de ressurgimento e de recriação para o enfrentamento de crises. Sendo o professor o mediador desse processo, ajudando seus alunos a superar seus medos, angústias, frustrações e quais barreiras que sirva de empecilho para o ensino, estabelecendo então vínculos de confiança com o mesmo, sendo afetivo. Essas questões estão amparadas na relação *coaching* educacional.

Coaching e emancipação: sentidos e concepções

O homem enquanto um ser social desempenha importante papel para a engrenagem da sociedade e para a sua (des) humanidade. O homem enquanto um ser político desempenha papel de transformador ou reproduzidor dos movimentos sócio-econômicos a medida que se posiciona politicamente. Segundo Marx (1987) o homem deveria ser mais político. Contudo, a forma como a sociedade mascara a forte divisão de classe social faz com que o homem da massa populacional seja uma marionete nas mãos do homem da classe dominante.

Na concepção de Gramsci a formação do homem, que é um ser social e político, deve ser “omnilateral”, ou seja, integral, técnica e política, segundo Silva (2011). Gramsci pretende que a educação contribua na transformação de todos indivíduos em sujeitos autônomos do seu conhecimento, por sua emancipação. Nesse cenário, a questão do desenvolvimento de sua aprendizagem vinculada às relações afetivas estabelecidas no momento do processo de ensino-aprendizagem, pode favorecer a resiliência e assim, a emancipação.

Segundo Gramsci emancipação implica em ter autonomia de responder pelos seus próprios atos, pensar por si só, não permanecer apenas como um reproduzidor de tarefas, vivendo de acordo com suas condições materiais de vida, sem acúmulo de bens além dos que seja fundamental para sua sobrevivência. Comunga com as ideias de Marx sobre o sistema capitalista. Segundo os autores precisamos que a sociedade se emancipe em várias dimensões, religiosa, política, financeira dentre outras.

Gramsci acredita que a emancipação pode ocorrer através da intelectualidade, da não subordinação ao capital, da interrupção de prática da mais valia. A mais valia é segundo Marx uma forma de alienação da força de trabalho, no qual o serviço prestado excede sua carga horária, sendo que o empregado não recebe a mais por isso, ou quando ele passa a produzir mais em menos tempo, para compensar os gastos que o empregador teria com a contratação de outros profissionais.

Para que a emancipação aconteça através da intelectualidade se faz necessário que os profissionais da educação sejam desalienados. Pólya (1984) afirma que para um professor incentivar um aluno ele precisa de antemão sentir-se motivado, da mesma forma acontece com a emancipação, para um professor emancipar ele precisa ser emancipado, criando meios para que o seu aluno pense por si só.

No entanto, os professores estão restritos a adesão de novas mudanças, presos ao ensino tradicional. Os profissionais da educação foram ensinados para a alienação e

subordinação e por consequente fazem o mesmo com seus alunos. Professores alienados apenas reproduzem conhecimento, sem estimular a autonomia dos seus, que a cada dia passam a idealizar sua felicidade no outro, em algo externo que não o satisfará por completo, pois a felicidade vem de dentro para fora, não valendo a recíproca, praticando diariamente o fetichismo.

Destarte, infere-se que a relação de *coaching* educacional ao longo do processo de aprendizagem de cálculos matemáticos, interfere na efetivação da emancipação humana. Gramsci defende uma educação que possibilite uma formação na qual todos os homens tenham acesso ao conhecimento, superando suas necessidades e favorecendo sua emancipação perante as contradições históricas, sem se submeter ao capital.

Segundo Zaib e Gribbler (2013, p. 103) a palavra *coaching* se refere a “um veículo para transportar pessoas de um lugar para outro”. Dessa forma trabalha o *coaching* educacional, que utiliza dos recursos disponíveis para conduzir seus alunos a conquistar os objetivos almejados com sucesso. O *coaching* é uma forma de interação entre o professor e aluno, um momento de diálogo e trocas de saberes, uma cumplicidade com o processo de ensinagem. Para Silva (apud KOCHHANN e MORAES, 2014, p. 90)

O docente-coach apoia e incentiva o aluno a buscar, atingir e a produzir suas metas nos planos estudantil, profissional e pessoal. Nesse processo de parceria entre o professor e aluno, o professor-coach viabiliza ao discente o alcance da autonomia da aprendizagem e na leitura de mundo, compreendendo a relação constante e dialética entre a teoria e a prática. [...] O professor-coach envolve emocionalmente os alunos nas atividades acadêmicas, aumentando significativamente a chance de ocorrer um aprendizado real e duradouro.

Destarte temos o *coach* que é o professor e o *coachee* sendo o aluno. A relação estabelecida entre ambos pode favorecer o ensino e a emancipação humana. Segundo Kochhann e Moraes (2014) *coaching* é um treinador de habilidade, aplicando o termo na área educacional, implica que o professor *coach* identifica as barreiras existentes no ensino do *coachee* e ajuda em sua superação, auxiliando-o a desenvolver suas habilidades, estabelecendo uma parceria entre ambos.

Kochhann e Moraes (2014, p.88) afirmam que “eis o papel do *coach*: auxiliar o *coachee* a perceber quais caminhos deverá seguir para sair do estado atual e chegar no estado desejado”. O *coaching* não identifica os erros e as possíveis soluções, ele cria possibilidades para que as pessoas encontrem seu próprio caminho, ajudando a pessoa a se desenvolver,

gerando ações próprias. Por isso o *coach* deve gostar e entender as pessoas, essas são algumas características da relação de *coaching* educacional.

Considerações finais

A aprendizagem de conceitos matemáticos alicerçado no *coaching* educacional da relação professor e aluno de vínculos afetivos, de resiliência e de emancipação humana podem propiciar o sucesso de todo processo, desde que os envolvidos tenham uma concepção e um sentido que favoreça essa construção. Nesse caso a relação deve se estabelecer por vínculos afetivos que lapidem a resiliência. Assim, as duas categorias de análise serão vínculos afetivos e resiliência. Assim, por consequência, se alcance a emancipação humana pela relação *coaching* educacional. Essa relação ocorre em todos os níveis e modalidades de ensino, bem como em todas as disciplinas.

Os homens indiferentes do grau de estudo ou das relações que estabelecem são seres humanos e como tal, devem ter a oportunidade de enxergarem o mundo com as lentes da humanidade. A hipótese de que os vínculos afetivos e a resiliência favorecem a emancipação humana durante a aprendizagem de cálculos matemáticos devido ao *coaching* educacional está sendo estudada, com base nas duas categorias de análise vínculos afetivos e resiliência.

Pretende-se concluir que é possível alcançar a emancipação humana pela relação *coaching* educacional presente em todos os níveis e modalidades de ensino, bem como em todas as disciplinas. *Coaching* Educacional também é uma questão de diversidade das relações humanas na educação. Como dito anteriormente a pesquisa está em fase gestacional. Os resultados e reflexões concebidos posteriormente resultarão em futuras publicação.

Referências

CHACÓN, Inês Maria Gomes. **Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORÉS, Ana e GRENÉ, Jordi. **La resiliencia – crecer desde La adversidad**. Barcelona: Plataforma Editorial, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOCHHANN, Andrea e MORAES, Ândrea Carla. **COACHING EDUCACIONAL**. In: KOCHHANN, Andrea e MORAES, Ândrea Carla. **Conhecendo a aprendizagem significativa na perspectiva de David Ausubel**. Anápolis: UEG, 2014

LOMBARDI, J. C. Educação, Ensino e Formação profissional em Marx e Engels. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Demerval (orgs.). 2. ed. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010. In: <file:///C:/Users/andrea/Downloads/17295-92977-1-PB.pdf>

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Tradução: Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

PÓLYA, George. Dez mandamentos para professores. In: **Sociedade Brasileira de Matemática**. Acesso: <http://www.ifg.edu.br/matematica/images/downloads/documentos/mandamentos.pdf>

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. **A formação de professores na perspectiva crítico emancipadora**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9461/1/ARTIGO_FormacaoProfessoresPerspectiva.pdf

SUANNO, João Henrique. Adversidade, Resiliência e Criatividade: uma articulação oportuna?. In: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; DITTRICH, Maria Glória; MAURA, Maria Antônia Pujol (Orgs.). **Resiliência, criatividade e inovação: potencialidades transdisciplinares na educação**. Goiânia: UEG/América, 2013.

TAILLE, Yves De La; OLIVEIRA, Marta Kohl De; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 21 ed. São Paulo: Summus, 1992.

ZAIB, José; GRIBBLER, Jacob. **Manual do coaching educacional: transformando gestores e professores em líderes inspiradores**. São Paulo: Leader, 2013.